

A SUBJETIVIDADE EM SALAS DE BATE-PAPO

Valquíria Claudete Machado Borba¹

valmborba@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, propomos uma reflexão sobre o discurso empregado nesta era digital, era em que nos encontramos e da qual não há como escapar, pois a realidade nos engloba de tal forma que dela nos tornamos reféns, sem escolha de negá-la que não represente a total exclusão da sociedade e, por que não dizer, de nós mesmos. Estudamos, a partir de um *corpus* coletado em salas de bate-papo, como o uso da linguagem pode ser reveladora da forma como o indivíduo se relaciona com o mundo e com o outro naquele momento da escritura, buscando subsídios para essa análise em Benveniste (1995, p.84) que, ao citar as análises freudianas, diz que “o sujeito se serve da palavra para ‘representar-se’ a si mesmo, tal como quer ver-se, tal como chama o outro a comprovar.” Levantamos hipóteses sobre a representação da subjetividade neste tipo de discurso, buscando verificar como o sujeito se constitui através da linguagem.

Para realização deste trabalho, analisamos conversas *on-line* em salas de bate-papo de grupos por idade (30-40 anos) e cidades (Maceió e Porto Alegre), em diversos horários e em diferentes *sites* da *internet*, através de interação e entrevistas virtuais com usuários. A escolha dessas salas não segue nenhum critério especial. Optamos por elas, apenas por uma questão de definir um *corpus* para análise, uma vez que muitas são as opções de salas de bate-papo em cada *site* da *internet*, variando de assuntos específicos a assuntos livres, por escolha do tipo de pessoa que deseja encontrar, local, individual ou em grupo, etc .

2. BENVENISTE E A FUNÇÃO DA LINGUAGEM SEGUNDO FREUD

Neste capítulo, vamos abordar a função da linguagem segundo Freud, apresentada por Benveniste (1995, p. 81-94). Nosso objetivo é fundamentar a análise do nosso corpus a partir de uma visão psicanalítica da linguagem. Conforme cita Benveniste (op. cit.p.82),

o analista opera sobre o que o sujeito lhe diz. Considera-o nos discursos que este lhe dirige, examina-o no seu comportamento locutório, “fabulador”, e através desses discursos se configura lentamente para ele outro discurso que ele terá o encargo de explicitar, o do complexo sepultado no inconsciente. Da descoberta desse complexo depende o sucesso da cura, que testemunha, por sua vez, que a indução estava correta. Assim, do analista ao paciente o processo inteiro opera-se por intermédio da linguagem.

Podemos dizer, a partir disso, que a escuta do psicanalista vai além das palavras. As palavras não interessam, mas o como o sujeito se sente ao contar algo. O que interessa é a enunciação. Continua Benveniste (op. cit.p. 82)

...o conjunto dos sintomas de diversa natureza que o analista encontra e escuta é o produto de uma motivação inicial no paciente, inconsciente antes de tudo, freqüentemente transposta para outras motivações, conscientes, estas, e geralmente falaciosas.

Vemos que, na psicanálise, os fenômenos são vistos como governados por uma relação de motivação. A busca do psicanalista parte do discurso tendo na linguagem seu campo de ação. Nessa busca, o

universo da palavra é o da subjetividade. Ao longo das análises freudianas, percebe-se que o sujeito se serve da palavra e do discurso para “representar-se” a si mesmo, tal como quer ver-se, tal como chama o “outro” a comprovar. O seu discurso é apelo e recurso, solicitação às vezes veemente ao outro, através do discurso, onde se coloca desesperadamente, recurso com freqüência mentiroso ao outro para individualizar-se aos próprios olhos. Pela simples alocação, aquele que fala de si mesmo instala o outro nele e dessa forma se capta a si mesmo, se confronta, se instaura, tal como aspira a ser, e finalmente se historiza nessa história incompleta ou falsificada. A linguagem, assim, é utilizada aqui como

¹ Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

palavra, convertida nessa expressão da subjetividade imanente e evasiva que constitui a condição do diálogo. A língua fornece o instrumento de um discurso no qual a personalidade do sujeito se liberta e se cria, atinge o outro e se faz reconhecer por ele. (BENVENISTE, op. cit. p 84)

Nos interessa esse estudo de Benveniste a respeito das descobertas freudianas para análise da escritura digital de como o sujeito, através da linguagem, se representa e, assim, investigar, levantar hipóteses da motivação disso. Essa motivação pode ser consciente ou inconsciente. O inconsciente é “responsável pela maneira como o indivíduo constrói a sua pessoa, afirma, recalca ou ignora isto motivando aquilo” (BENVENISTE, op. cit, p.94).

De acordo com essa proposta teórica, o que dizemos reflete aquilo que somos numa perspectiva do olhar do outro direcionado por nós mesmos, embora nem sempre tenhamos consciência. Por isso, diz-se que as palavras revelam muito mais do que imaginamos, revelam nossos desejos mais secretos, nossos medos, nossas angústias, nosso eu real. Porém, como a linguagem é apenas simbolismo (BENVENISTE, op. cit. p.92), decifrar as suas metáforas constitui-se em verdadeiro desafio. E, nesse caminho, o presente estudo busca verificar o que as escolhas dos sujeitos ao escreverem seus textos nas salas de bate-papo revelam.

3. SUBJETIVIDADE

O que é a subjetividade? Conforme o Dicionário de Língua de Dubois et. al. (2001), “chama-se subjetividade a presença do falante em seu discurso”. Para Benveniste (1976), a subjetividade é a capacidade do locutor se propor como sujeito, sendo a linguagem fundante do sujeito antes de qualquer outra função. Benveniste contribuiu muito para que a subjetividade se tornasse parte dos estudos lingüísticos, que até então não a consideravam, concentrando os estudos sobre a língua enquanto sistema. O advento da Análise de Discurso, na qual os estudos de Benveniste se encontram, proporcionou que a língua passasse a ser estudada enquanto significação, enquanto ato discursivo e não apenas como um sistema de

signos ou de regras formais. A Análise de Discurso, conforme Orlandi (2003), “visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido”

Mas como interpretar um discurso? Como identificar a subjetividade? Para Benveniste (1970, p.13 apud POSSENTI, 1988, p. 54), “na enunciação, o locutor mobiliza a língua por sua própria conta...É por mobilização, segundo ele, que se introduz a subjetividade na língua”. Para Possenti (1988, p. 55), considerar apenas as marcas lingüísticas explícitas estudadas por Benveniste como, por exemplo, as referentes aos pronomes *eu* e *tu* e os dêiticos, parece ser excessivamente simplista, pois para ele “tudo o que sai da boca do homem tem sua marca” (p. 55). Segundo POSSENTI (1988, p. 55-56), “o simples fato de falar (e não necessariamente de dizer *eu*, de utilizar um dêitico ou de produzir um ato de fala), por exigir a escolha de certos recursos expressivos, o que exclui outros, e por instaurar certas relações entre locutor e interlocutor (depreensíveis, freqüentemente, do dialeto ou marcas estilísticas definidoras de papéis sociais), já indica a presença da subjetividade na linguagem. Esta subjetividade, o locutor pode fazê-la ressaltar ou apagar-se, segundo se submeta mais ou menos fortemente às expectativas institucionais.”

Acreditamos que o artigo de Benveniste ao citar a função da linguagem segundo Freud (1985), vai ao encontro do que Possenti (1988) coloca sobre subjetividade. Partindo desse artigo de Benveniste e acreditando que a escolha dos recursos expressivos, do léxico, do meio de interação, etc. já denotam marcas de subjetividade, faremos então a análise do nosso *corpus*.

4. O DISCURSO NAS SALAS DE BATE-PAPO

Hoje, mais comum do que o diálogo face-a-face, o diálogo virtual, ou comunicação mediada por computador, virou mania entre a população que tem acesso à *Internet*, pois é um meio muito eficaz, rápido, com um menor custo que um telefonema, por exemplo, e, também,

agradável de se comunicar. Muitas são as opções para se contatar as pessoas conhecidas e desconhecidas: ICQ (*I seek you* ou eu procuro você), *e-mails*, *message boards*, salas de bate-papo, etc. Os *e-mails* e as salas de bate-papo parecem ter sido escolhidos os favoritos para esse tipo de interação digital. De acordo com Othero (2002):

Por ter um alto caráter de interatividade, as salas de bate-papo (os chamados *chat rooms* ou somente *chats*) logo se tornaram uma verdadeira mania na *Internet*. Através desses *chats*, é que se tornou possível 'conversar', em tempo real, com uma pessoa em qualquer parte do planeta através do computador.

Para Souza (2001), o *e-mail* e o *chat* são os dispositivos de CMC (comunicação mediada pelo computador) , que mais explicitamente viabilizam a comunicação interpessoal e interativa. Ele ainda apresenta as noções de comunicação síncrona (exemplificada pelos *chats*) e assíncrona (a dos *e-mails*, pois não implicam a simultaneidade de composição, envio e recepção).

Othero (2002), em seu livro, faz uma análise do discurso *on-line* do ponto de vista de como a língua é empregada através de expressões novas, neologismos semânticos, *emoticons*², alterações ortográficas, entre outros. Algumas das características da conversa *on-line* apontadas por ele são: ritmo solto e veloz, despreocupado e coloquial; frases curtas e expressivas; palavras abreviadas ou modificadas, visando mais rapidez; predominância de uso de letras minúsculas; uso de letras maiúsculas para dar idéia de grito ou ênfase; uso de recursos gráficos para dar ênfase (pontos de exclamação, por exemplo); não emprego dos acentos. Para Othero (2002), essas alterações acontecem como forma de adaptação da língua para melhor servir a seus usuários. Essas características também são estudadas por Souza (2001), sendo consideradas do ponto de vista lingüístico um dos pontos mais interessantes para o autor, uma vez que, conforme sua pesquisa, o discurso eletrônico

representa um tipo de comunicação que vale-se da escrita, sem entretanto limitar-se às características normalmente atribuídas à essa modalidade. O discurso eletrônico pode assumir formas que guardam extrema semelhança com o discurso oral, sendo portanto uma modalidade de uso da linguagem que freqüentemente

³ *Emoticons*: símbolos usados para indicar emoções, sensações através da reprodução de expressões faciais, como por exemplo: :-) ou :(.

escapa a um enquadramento que se sustente em noções convencionais sobre escrita e a oralidade.

Souza (2001, p. 33) também cita: transcrição de vocalizações e simplificação sintática (supressão do sujeito e de auxiliares – principalmente no inglês).

Esses estudos mostram o meio digital como um meio de comunicação fundamental nos dias de hoje, embora de acesso ainda restrito. Um meio de comunicação no qual o discurso empregado revela um processo de subjetivação, justificando, assim, o objeto de estudo desse trabalho: o discurso nas salas de bate-papo. Procuramos verificar a subjetividade nesse tipo de interação mediada pelo computador, na qual o ato de escrever revela o sujeito por trás das teclas, onde as escolhas revelam marcas de um sujeito, onde o inconsciente, o desejo, o mistério por trás da simbologia da linguagem, acabam por “delatar” o que há de mais secreto no ser-humano: ele mesmo.

5. ANÁLISE E HIPÓTESES SOBRE O DISCURSO ON-LINE

Nas salas de bate-papo estudadas, encontramos aspectos verificados por Othero (2002) e Souza (2001), comprovando as mudanças na língua de forma que essa se adapte às necessidades dos seus usuários. Alguns exemplos são: expressões novas, neologismos semânticos, *emoticons*, alterações ortográficas, abreviação de palavras, uso de letra maiúscula como ênfase entonacional, pontuação para ênfase, não emprego de acentos, transcrição de vocalizações.

Exemplos:

Amiga_33 fala para todos: Eaeeee?

~ ~ ~ cobra ~ ~ sai da sala

baba fala para Sandra: cad vç

GoodGuy reservadamente fala com Val: vc é h ou m??

GoodGuy fala com Val: ok.. xau

Jalaska Moicano fala com Nasty Girl Hehehe olá miguxa.....

Aivil (reservadamente) fala para Todos: Boa noite!!!!

RICARDO (reservadamente) grita com Todos: ALGUM CARA QUER TC?

Observamos no *corpus* coletado a não predominância de *emoticons* :(, prevalecendo o uso de carinhas (smileys ☺), talvez porque alguns *sites* apresentem uma carinha padrão, com opção para personalização, obrigatória para entrar, mesmo para quem não deseja. Fazemos uma distinção entre *emoticons* e *smileys*, porém há classificações que não fazem esta distinção. A repetição de letras em palavras para dar ênfase também mostrou ser um recurso muito utilizado. Outro ponto interessante é a falta de pontuação, garantido mais rapidez na comunicação sem alterar a mensagem.

Exemplos:

CãoNoeNSe ClaSSiC @fala para Todos: ☺

(reservadamente) parrudo fala para Val: oi vc não vai responde ne

AMAZONAS fala para baiano: O QQQQQQQ?

Esses aspectos observados podem revelar muito mais do que apenas adequação da língua ao usuário de *chats*. Eles podem significar uma linguagem empregada de acordo com os desejos do usuário de reconhecimento por parte do outro a quem se dirigem. Os recursos usados são escolhidos pelos usuários de forma que os representem, mesmo inconscientemente, mostrando indícios de como eles se relacionam com o mundo e com o outro naquele momento da escritura. Assim, podemos observar que Benveniste (op. cit.) ao dizer que o indivíduo se serve da palavra para "representar-se" a si mesmo, tal como quer ver-se, tal como chama o outro a comprovar, buscou mostrar que o uso da linguagem torna-se um espelho que mostra a imagem do nosso eu. Através da análise de algumas partes do nosso *corpus*, tentaremos ver como é possível, através do discurso nas salas de bate-papo, identificar o sujeito daquela enunciação, que se recria através do suposto olhar do outro, se fazendo percebido por este outro como quer ser reconhecido, como se revela com base no olhar outro que retrata o seu próprio (BENVENISTE, op. cit.).

Para começar, vamos verificar o que os nomes escolhidos para entrar nas salas de bate-papo podem revelar sobre os indivíduos no momento da enunciação. É importante

ressaltar que muitas das salas estudadas apresentam várias opções para os sujeitos criarem seus nomes / apelidos (nicks), virtuais (em sua maioria) ou não. Entre as opções, encontramos desde tipo de letra a cores, carinhas, *emoticons*, números. Observamos que a maioria dos usuários das salas de bate-papo criam nomes que indiquem algo deles naquele momento da escritura, revelando-os como querem ser reconhecidos naquele ato enunciativo.

Exemplos:

homem completo sp	G@TINH@ LIND@*!!!
ZORRO	Excitado_H
93092373(H)_20cm	Discreto MSN
carina_17	h-38-afim
Lalinha	charopi
Flavia_SP	Sou Teu
esperto	silvio casado
Gata Dengosa_20	*deSKOLada_MSN*
RICARDO	FELLINO
sincero35	moreninho20

Os nomes com os quais os usuários se apresentam parecem revelar como eles se vêm e querem ser reconhecidos naquele momento da enunciação. Muitas vezes, detalhes da escolha não são conscientes e revelam muito mais do que conscientemente se pretende a princípio, conforme pudemos verificar ao indagarmos alguns sujeitos sobre suas escolhas. A escolha de letra maiúscula ou minúscula, por exemplo, parece ser indicativa de algo. Essa escolha pode denotar desejo de chamar atenção, superioridade, etc. Já o uso da minúscula pode refletir descaso, simplicidade, praticidade, etc. Percebemos que o fato de o sujeito usar letra maiúscula ou minúscula sugere alguma coisa. Alguns relataram, que usam a maiúscula para chamar bem a atenção de possíveis interlocutores. Já outros usam a letra minúscula porque é mais rápido para digitar, ou porque nem se deram conta, observam mais cores e outros recursos. Alguns sujeitos usam números que revelam sua idade ou número de telefone, indicando através disso toda uma cultura que reflete que tipo de

peças são, assim como quando usam adjetivos como nomes (sincero, esperto, discreto, deskolada). Outro dado encontrado é a indicação do lugar junto ao nome (Flavia_SP), que revela muito sobre a pessoa que está ali, por exemplo, no caso das salas de Maceió e Porto Alegre, esse tipo de sujeito entrou na sala provavelmente porque tem algum interesse específico com a cidade escolhida (proximidade dos usuários daquela sala, viagem, mudança, tipo de pessoas que frequentam a sala). O fato de dizer de onde é também mostra que a pessoa quer ser identificada pela sua região. Muitas inferências podem ser feitas só pelos nomes escolhidos para entrar numa sala de bate-papo. A busca pela conversa com alguém neste meio virtual também é baseada nessas informações inferidas dos nomes. Muitas intenções são reveladas através dos nomes. As cores também podem indicar algo da pessoa, assim como o uso dos *emoticons* e das carinhas. Alguns sujeitos disseram que escolhem uma cor que tenha um significado como, por exemplo, azul porque é masculino, rosa porque é feminino, vermelho porque indica paixão, etc. Os *emoticons* e carinhas são usados para expressar sentimentos, para chamar a atenção dos interlocutores. Enfim, a linguagem empregada, pode e revela, como o sujeito se vê em relação ao outro e como quer que o outro o veja.

Com relação aos diálogos, observamos que a língua empregada pelos usuários busca, conforme Othero (2002) e Souza (2001) citam, facilitar a expressão do máximo possível, com a menor forma possível, sofrendo influência da oralidade e observando a lei do menor esforço (abreviando, etc.). Dessa forma, o emprego de letra minúscula predominantemente, a falta de pontuação, erros ortográficos, alterações ortográficas, enfim, possibilidades de modificação da língua revelam a necessidade de uma comunicação o mais rápida e eficiente possível. Os sujeitos buscam nas salas de bate-papo alguma forma de interação e, nessa busca, a linguagem empregada revela muito da motivação, do desejo que origina o que é dito. Vejamos algumas possibilidades de interpretar isso:

(reservadamente) parrudo fala para Val: vc tem qtos anos

(reservadamente) parrudo fala para Val: vc e casada

(reservadamente) parrudo fala para Val: tem namorado em

Neste exemplo, temos indícios do que o sujeito (parrudo) está procurando nesta enunciação. Suas perguntas têm por trás a intenção de flertar com alguém, mas alguém que ele saiba descomprometida. O que se revela em:

(reservadamente) parrudo fala para Val: quer namora comigo em

Na seqüência do diálogo, ao ser perguntado sobre a idade, o parrudo diz:

(reservadamente) parrudo fala para Val: mais se eu dizer vc vai ficar com onda

O que ele quer dizer com isso? O que revela esta idéia? Revela que ele, e mais tarde se confirma, se acha jovem e considera que isso influiria na percepção que Val teria dele, quando, na verdade, é uma percepção negativa em relação a si próprio a partir de um olhar que supõe em Val.

Ainda nesse diálogo:

(reservadamente) parrudo fala para Val: sou um homem religioso

O que para ele seria um homem religioso? Por que isso seria um bom argumento para que Val se interessasse por ele? Essa escritura revela que naquele momento da conversa, ele usou um conceito que tem sobre pessoas religiosas como forma de convencer Val a namorá-lo. Mostra também, como ele quer ser reconhecido por Val, usando do suposto olhar dela para construir-se e ser aceito. Usa a linguagem para representar-se como quer ser visto e como quer que o outro o reconheça, partindo da percepção que imagina no olhar do outro a partir das suas próprias convicções, revelando um pouco da maneira como ele vê o mundo.

Como no exemplo acima, os diálogos travados nas salas de bate-papo analisadas indicaram como as pessoas, através da linguagem, desnudam-se ao fazer escolhas para o seu discurso. Podemos inferir seus desejos, motivações e concepções observando a linguagem empregada. Para isso, temos que interpretar as metáforas do discurso. No *corpus* analisado, a linguagem empregada pelos sujeitos sinaliza na direção de que muito é dito das

percepções de cada um sobre si mesmo, o outro e o mundo no discurso. Talvez, mais do que apenas usar a linguagem para representar-se, o sujeito acaba representado pela linguagem que o captura sem que ele perceba.

Além da análise do *corpus*, entrevistamos alguns usuários nas próprias salas de bate-papo e fora delas. Alguns aspectos interessantes para a compreensão deste tipo de discurso foram apontados por uma maioria:

- os sujeitos entram nas salas com maior frequência nos finais-de-semana;
- buscam uma companhia para conversar, pois sentem-se sós;
- muitos iniciam este tipo de interação por curiosidade e acabam tornando-se usuários frequentes;
- o horário preferido é à noite;
- a escolha dos nomes / apelidos (*nicks*) reflete algo do momento deles e de como querem ser reconhecidos;
- normalmente são procurados nas salas por pessoas do sexo oposto e também procuram contatar pessoas do sexo oposto;
- para a escolha das pessoas observam os nomes e a linguagem empregada;
- costumam ficar de uma a duas horas por vez;
- admitem ter uma expectativa de encontrar um (a) namorado (a);
- conhecem pessoas *off-line*; alguns acabam fazendo parte de uma comunidade virtual que se mantém por algum tempo;
- procuram pessoas de suas regiões no geral, optando por outras quando têm algum interesse pessoal (como viagem, língua);
- frequentam as salas há mais de um ano.

Acreditamos que essas características vão ao encontro do estudo de Dornelles (2000) sobre uma sala determinada de *chat*:

...embora estarem utilizando um sistema de comunicação *on-line*, os indivíduos buscam envolvimento pessoais, e principalmente amorosos, no mundo *off-line*. As principais características de um ambiente virtual (anonimato e autonomia exacerbada) facilitam e potencializam a comunicação no *chat* e o transformam em um excelente lugar para sanar a solidão afetiva, amorosa.

As entrevistas indicaram o quanto a linguagem é importante fator na interação, pois seu uso serve como identidade do anônimo, revelado através do que diz e como diz.

Este é um estudo inicial, uma busca por uma compreensão do que Benveniste diz sobre a linguagem, buscando compreender como o discurso na comunicação mediada pelo computador é determinado pela subjetividade.

6. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, procuramos verificar como a subjetividade influi no discurso das salas de bate-papo. Para isso, buscamos no estudo de Benveniste (1995) sobre as análises freudianas sobre a linguagem e em estudos sobre subjetividade as reflexões norteadoras da nossa análise. O estudo indicou que o sujeito que entra numa sala de bate-papo ao escrever faz escolhas e que essas escolhas refletidas através da linguagem revelam seus desejos de reconhecimento, como se vêem e querem ser vistos, mesmo inconscientemente, revelando, assim, suas concepções do mundo, dos outros e de si mesmos naquele momento da enunciação. Esse estudo teve por finalidade levantar hipóteses sobre o discurso na comunicação mediada pelo computador, não pretendo uma análise profunda, mas uma reflexão com base nos estudos de Benveniste (1995) e sobre subjetividade, elucidando um pouco do caráter revelador da linguagem que traz em si marcas do sujeito que a usa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BENVENISTE, Émile. L'appareil formel de l'énonciation, in *langages*, 17, Paris: Didier-Larousse, pp. 12-7. In: POSSENTI, Sírio. (1988) *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes.
2. _____ (1995) *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Cia. Editora Nacional - Editora da Universidade de São Paulo, v. I, p. 81-94.
3. DUBOIS et al. (2001) *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 8ª ed.

4. DORNELLES, Jonatas. *Amigos virtuais: estudo antropológico sobre sociabilidade na internet*. <http://www.megabaitche.hpg.ig.com.br/amigosvirtuais/amigosvirtuais.html>
Acesso em 04 de abril de 2004.
5. ORLANDI, Eni P. (2003) *Análise de discurso, princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 5ª ed.
6. OTHERO, Gabriel de Ávila. (2002) *A língua portuguesa nas salas de bate-papo, uma visão lingüística de nosso idioma na era digital*. Porto Alegre: Berthier.
7. POSSENTI, Sírio.(1988) *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes.
8. SOUZA, Ricardo Augusto. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico.
In: MENEZES, Vera. (2001) *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE/UFMG.